

Violência

26 JUN 1987

contra Sarney no Rio

por Elaine Lerner
do Rio

"Houve um atentado. Mais do que contra o presidente da República, as cenas de violência foram contra as instituições democráticas", disse o presidente José Sarney, explicando as agressões de populares feitas contra o ônibus da comitiva presidencial, em que viajava, quando saiu do Paço Imperial, no centro do Rio de Janeiro, no início da noite de ontem. Sarney avisou: "A minha paciência tem limite".

Sentado na primeira poltrona do ônibus, junto à janela, ao lado do governador do Rio de Janeiro, Moreira Franco, Sarney quase foi atingido por uma picareta de cerca de 50 centímetros, que estilhaçou o vidro de sua janela. Também foi totalmente quebrado o vidro da janela onde se encontrava o secretário particular e genro do presidente, Jorge Murad, que sofreu um pequeno corte na face, junto à orelha esquerda.

Em entrevista a este jornal, já a bordo do Boeing presidencial, Sarney atribuiu as manifestações violentas ao PDT. Grande parte dos cerca de quatrocentos manifestantes que estavam na praça XV de Novembro portava cartazes e fotos do ex-governador do Rio de Janeiro Leonel Brizola.

O ministro-chefe do Gabinete Militar, general Bayma Denys, aventou a hipótese de os atentados te-

rem partido de "grupos militares ligados ao ex-governador". Para Moreira Franco, a violência deveu-se a "brigadas brizolistas". A agressão ao presidente José Sarney teria sido praticada por um homem mulato, alto, vestido com uma jaqueta azul e corte de cabelo estilo militar, que retirou do cinto a picareta utilizada para estilhaçar o vidro.

A primeira manifestação contra Sarney no Rio, ontem, ocorreu na Academia Brasileira de Letras, no bairro do Castelo, onde um pequeno grupo gritava, na rua, slogans pedindo "diretas já". Sarney atribuiu esta primeira manifestação a pequenos partidos, entre os quais citou o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e o Partido Comunista do Brasil (PC do B). Lembrou que, em ambos os casos, "cartazes e faixas não se movem sozinhos, pedras não voam indiscriminadamente", completando que "nem a violência não é espontânea".

Sarney disse a este jornal posteriormente que o governo não pode aceitar "que pequenos grupos minoritários impeçam a liberdade exercida no País".

(Continua na página 6)

PRESIDÊNCIA

Manifestantes vão a Sarney, que critica "mau uso da liberdade"

por Rômulo Trindade
do Rio

O presidente José Sarney foi intensamente vaiado ontem, no Rio, em dois locais diferentes. Na Academia Brasileira de Letras (ABL), onde compareceu às 16,30 horas para uma sessão ordinária e um chá com os seus confrades imortais, o presidente da República, acompanhado pelo governador Moreira Franco, foi recebido por 150 ruidosos militantes da Associação de Funcionários do IBGE e do IAPAS e dos sindicatos dos securitários e dos aeroviários. Mais tarde, às 19 horas, Sarney deparou-se com cerca de 2 mil manifestantes postados diante do Paço Imperial, na praça XV. As vaias foram ainda mais intensas.

Antes da chegada do presidente Sarney à ABL, a pedido do coronel Antonio João, do grupo de apoio da Presidência da República, soldados da Polícia Militar tentaram negociar com os manifestantes a retirada da faixa com a frase "Fora Sarney". Foram também vaiados. Sarney permaneceu na Academia — onde comparecia pela primeira vez após assumir a Presidência da República — mais de duas horas. Na sala do Conselho da ABL, as janelas foram todas fechadas, mas mesmo assim o som das palavras de ordem dos manifestantes chegava ao segundo andar. O acadêmico Arnaldo Niskier comentou ao ouvido do presidente: "Não existe democracia sem barulho". Sarney apenas esboçou um sorriso, conforme relato da editora Elaine Lerner, deste jornal.

Defronte ao Paço Imperial — de cujas janelas o imperador Pedro I proferiu o discurso do "Dia do Fico" — os manifestantes (sindicalistas da CUT e da CGT, militantes de associações de funcionários de empresas estatais e de associa-



José Sarney

ções de moradores, funcionários da Assembléia Legislativa e populares que procuravam as barcas para Niterói) cercaram o ônibus que conduzia o presidente e sua comitiva. Ali já era maior o contingente da Polícia Militar (PM), que juntamente com o batalhão de guardas do Exército fizeram a segurança externa nos locais a que o presidente compareceu. "Diretas já", "O povo quer votar, fora Ribamar", "O povo na amargura, abaixo a ditadura" foram "palavras de ordem" gritadas com intensidade. Quando a PM ameaçava reprimir, a resposta era imediata: "A polícia não ganhou 'gatilho', numa referência à extinção do 'gatilho' pelo governador Moreira Franco. Um caixão feito de papelão circulou entre os manifestantes, simbolizando o "enterro" do presidente Sarney e do governador Moreira Franco.

Antes de deixar o Paço Imperial, onde participou de cerimônia alusiva ao primeiro aniversário da "Lei Sarney" — de incentivo à cultura —, o presiden-

Violência contra ...

por Elaine Lerner
do Rio

(Continuação da 1ª página)

"Se não, se estaria usando a liberdade para matar", enfatizou. O presidente disse que seu objetivo é presidir a "convivência democrática". Acrescentou que "tolerância não é fraqueza".

Mas Sarney não pensa em diminuir sua participação em atos fora da capital federal, comentou o acadêmico Arnaldo Niskier, durante solenidade na Academia Brasileira de Letras. A "democracia faz barulho, não há democracia silenciosa", disse, referindo-se aos gritos de quase cem manifestantes que aguardavam o presidente na saída da academia.

Lá dentro, o acadêmico José Sarney deixou de lado por quase duas horas os problemas mais urgentes do País. Tomou chá, comeu bolo de alpim e de cenoura, ouviu uma menina declamar seu poema

"Carrancas do Ribeirão" e acompanhou atentamente os discursos de vários "imortais".

No Paço Imperial, situado junto à praça XV, no centro do Rio de Janeiro, o número de manifestantes era bem maior e a quantidade de policiais bastante inferior à concentração na Academia Brasileira de Letras. Mesmo com o acirramento dos ânimos, a Polícia Militar não reforçou o seu efetivo. O restante do percurso do presidente, até a base aérea do Galeão, transcorreu sem problemas e ele tratou de acalmar a comitiva que o acompanhava.

Faziam parte da comitiva, além da primeira dama, dona Marly Sarney, e da primeira dama do estado, Celina Moreira Franco, o ministro da Cultura, Celso Furtado, e esposa.

A Polícia Federal já começou a investigar os atentados, a partir de fotos e cenas filmadas pelas televisões mostrando os manifestantes.

te da República respondeu a uma única pergunta sobre as manifestações: "Eu acho que nós devemos utilizar a liberdade para consolidar a liberdade e nunca para usar mal a liberdade. De minha parte, o que posso dizer é que, evidentemente, o idealismo, o sacrifício com que venho governando o País e procurando cumprir com as minhas missões é maior que qualquer desencanto", desabafou Sarney, segundo relata a repórter Janice Menezes. O ônibus que con-

duziu Sarney e sua comitiva ao aeroporto internacional do Rio — o presidente retornou a Brasília na noite de ontem — ao ligar o motor para seguir viagem, foi apedrejado, e o clima ficou ainda mais tenso. Instantes depois da saída de Sarney a PM passou a usar violência para dispersar os manifestantes que, gritando "diretas já", e alguns, com fotografia do ex-governador Leonel Brizola, tentavam ultrapassar o cordão de segurança. Não há registro de prisões no local.